

Sílvia Maria de Contaldo¹

Agostinho: a inquietação como fonte²

Resumo: O propósito deste texto é fazer uma aproximação entre Santo Agostinho (354-430) e Etty Hillesum (1914-1943), no que se refere à experiência mística. À primeira vista pode parecer que entre um autor e outro há uma distância abissal. Certo. Agostinho viveu entre os séculos IV-V e assistiu a decadência do Império Romano. Por sua vez, a jovem Etty Hillesum viveu no século XX – uma vida breve – mas suficiente para testemunhar os horrores de Auschwitz. O elo entre estes dois autores, portanto, é supratemporal e se dá pela busca da via mística, que ambos procuraram. Etty, leitora de Agostinho, declara em seu *Diário*, reiteradas vezes, que o importante é a via da interiorização, a via de busca de si mesmo, no mais profundo de si. É o que importa em tempos sombrios e obscuros, talvez para suportá-los com mais dignidade e lucidez. Agostinho, que vivera muitos séculos antes, também presenciou violências e iniquidades e a inquietação sempre foi a sua fonte. Fonte interior para onde se deve voltar. Não se trata de um ensimesmamento, um narcisismo às avessas, mas de um exercício espiritual, místico, à procura de um território interior, de recantos místicos cuja fonte é a inquietação e, ao mesmo tempo, fortalecimento de si.

Palavras-chave: Agostinho; Etty Hillesum; Inquietação; Mística.

Abstract: The purpose of this text is to approach Saint Augustine (354-430) and Etty Hillesum (1914-1943), with regard to the mystical experience. At first glance, it may seem that there is an abysmal distance between one author and another. Right. Augustine lived between the 4th and 5th centuries and witnessed the decline of the Roman Empire. In turn, young Etty Hillesum lived in the 20th century - a brief life - but enough to witness the horrors of Auschwitz. The link between these two authors, therefore, is supra temporal and occurs through the search for the mystical path, which both sought. Etty, a reader of Augustine, declares in her Diary, repeatedly, that what is important is the path of interiorization, the path of seeking oneself, in the depths of oneself. It is what matters in dark and obscure

¹ Doutora em Filosofia pela PUCRS. Professora da PUC-Minas. silviacontaldo@hotmail.com

² Texto apresentado no III Simpósio Nacional de Estudos agostinianos: Mistagogia e Mística em Santo Agostinho, na UFCA, em maio de 2019.

times, perhaps to endure them with more dignity and lucidity. Augustine, who had lived many centuries before, also saw violence and iniquity, and restlessness has always been his source. Indoor fountain to which to return. This is not self-centeredness, an upside-down narcissism, but a spiritual, mystical exercise, looking for inner territory, mystical corners whose source is restlessness and, at the same time, strengthening oneself.

Keywords: Augustine; Etty Hillesum; Restlessness; Mystics.

“O mais íntimo de nós
mesmos é o nível
ontológico mais elevado
do nosso espírito” (VAZ,
H.C. L. *Experiência
mística e filosofia na
tradição ocidental*, p. 19)

Agostinho inspira em todos os sentidos. A leitura de seus escritos provoca pausas inspiradoras. Essa aqui, no momento em que se realiza o III Simpósio Nacional de Estudos Agostinianos, é uma delas. O tema é cativante e desafiador, principalmente em tempos de vivências aligeiradas e de horizontes sombreados e obscurecidos. Mística, adjetivo de mistério, tem em si essa força que nos permite «perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade»³ e, por isso mesmo, sua dimensão é de profundidade dentro de nós.

Agostinho, já milenarmente distante, refletiu e escreveu com maestria sobre a importância do mergulho para dentro de si mesmo, mergulho que fortalece projetos existenciais na direção de um bem maior, da beatitude, quem sabe. Convém lembrar, no entanto, que Agostinho não tratou sistematicamente o tema da mística, ainda que muitos estudiosos concordem «incontestavelmente que [Agostinho] teve [...] influência decisiva na mística da Idade Média e dos séculos seguintes»⁴.

Sabemos também que mística, misticismo são termos de ampla polissemia e podem ter, de acordo com as variações culturais,

³ Cf. Betto, Frei; Boff, L., *Mística & espiritualidade*, Vozes, Petrópolis 2010, p. 49-50

⁴ Cf BURNABY *apud* WRIGHT, 2019, p. 672.

times, perhaps to endure them with more dignity and lucidity. Augustine, who had lived many centuries before, also saw violence and iniquity, and restlessness has always been his source. Indoor fountain to which to return. This is not self-centeredness, an upside-down narcissism, but a spiritual, mystical exercise, looking for inner territory, mystical corners whose source is restlessness and, at the same time, strengthening oneself.

Keywords: Augustine; Etty Hillesum; Restlessness; Mystics.

“O mais íntimo de nós
mesmos é o nível
ontológico mais elevado
do nosso espírito” (VAZ,
H.C. L. *Experiência
mística e filosofia na
tradição ocidental*, p. 19)

Agostinho inspira em todos os sentidos. A leitura de seus escritos provoca pausas inspiradoras. Essa aqui, no momento em que se realiza o III Simpósio Nacional de Estudos Agostinianos, é uma delas. O tema é cativante e desafiador, principalmente em tempos de vivências aligeiradas e de horizontes sombreados e obscurecidos. Mística, adjetivo de mistério, tem em si essa força que nos permite «perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade»³ e, por isso mesmo, sua dimensão é de profundidade dentro de nós.

Agostinho, já milenarmente distante, refletiu e escreveu com maestria sobre a importância do mergulho para dentro de si mesmo, mergulho que fortalece projetos existenciais na direção de um bem maior, da beatitude, quem sabe. Convém lembrar, no entanto, que Agostinho não tratou sistematicamente o tema da mística, ainda que muitos estudiosos concordem «incontestavelmente que [Agostinho] teve [...] influência decisiva na mística da Idade Média e dos séculos seguintes»⁴.

Sabemos também que mística, misticismo são termos de ampla polissemia e podem ter, de acordo com as variações culturais,

³ Cf. Betto, Frei; Boff, L., *Mística & espiritualidade*, Vozes, Petrópolis 2010, p. 49-50

⁴ Cf BURNABY *apud* WRIGHT, 2019, p. 672.

diferentes entendimentos. A mística pode ser prática de vida como também pode ser discurso especulativo. Importante, porém, é a fonte de onde brotam as místicas. Experiências, vivências, revelações, admiração frente ao que para nós se põe como mistério são fontes místicas. Não faltam relatos, desde os sábios da tradição oriental, um Siddharta Guautama – o Buda (563 a.C.), por exemplo, passando pelo *frater Ekkardus*, dominicano escolástico do Ocidente cristão – o Mestre Eckhart (1260-1328) ou até mesmo pelas canções da nossa MPB, em que outro mestre, o Gil, entoa a canção: «e se eu quiser falar com Deus, tenho que ficar a sós...»⁵. Em Agostinho, a fonte dessa mística nasce de seu coração inquieto, de seus auto-litígios, um embate consigo mesmo, para ir além das frágeis cercanias que pareciam impedir o conhecimento de uma realidade que não se lhe mostrara de imediato.

Também é bom ressaltar que muitos estudiosos da obra de Agostinho concordam que há certa dificuldade em tratar ou classificá-lo como um místico propriamente dito. Watkin lembra que «teologia mística, entendida como estudo científico de oração infusa, ainda não existia»⁶. Mas não é de hoje que as coisas existem antes de terem sido nominadas... Em geral, e isso é o que importa, a maioria desses autores concorda que o repertório filosófico-teológico de Agostinho tem tessituras místicas. Para o pesquisador alemão Mathias Korerger, por exemplo, o *Comentário Literal ao Gênesis* – notadamente o Livro 12⁷, é o seu primeiro escrito sistemático sobre a mística.

⁵ Canção, letra e música de Gilberto Gil, 1980. Cf. www.gilbertogil.com
br: «A canção (mais filosófica, nesse sentido, do que religiosa) não é necessariamente sobre um Deus, mas sobre a realidade última: o vazio de Deus, o vazio-Deus», escreveu Gilberto Gil, em resposta ao cantor Roberto Carlos que havia lhe encomendado uma canção.

⁶ *Apud* WRIGTH, 2019, p. 672).

⁷ Cf *Comentário Literal ao Gênesis*, Livro 12: «Agostinho distingue três tipos de visão: corporal, espiritual e intelectual, apoiando-se em textos do AT e do NT [...] A visão corporal é aquela que faz uso dos sentidos, a visão espiritual é aquela pela qual a alma percebe imagens ou delas se lembra sob a dimensão do intelecto.[...] Entre suas outras características, a visão intelectual não precisa de

Para o nosso escopo importa afirmar ou mesmo enfatizar que, em sua obra autobiográfica – *Confissões*, podemos encontrar veias místicas⁸. O pesquisador irlandês O’Meara, em sua obra magistral sobre *Confissões*, escreveu que «se [Agostinho] não tivesse sido escolhido – contra sua vontade – ir para a sede de Hipona, certa tendência mística teria podido manifestar-se mais claramente nele. Porque, indubitavelmente, havia nele uma veia de misticismo»⁹

Tomando emprestado esse ponto de vista, penso que em *Confissões*, muitas dessas veias místicas estão lá para ser não só exaustivamente vasculhadas mas resgatadas e trazidas para o mundo contemporâneo. Muito do que está lá foi vivencialmente assumido como experiência mística, assim como me parece ter ocorrido com a jovem Ety Hillesum (1914-1943), que mais adiante trataremos. Em *Confissões*, são exemplos de ‘veias místicas’ os relatos contidos no Livro VII, sobre sua conversão ao Cristianismo, após sucessivos *batimentos interiores*. Também a narrativa na qual Agostinho recorda a conversa com sua mãe, no Livro IX, em que estavam «recostados ao peitoril de uma janela que dava para o jardim interno da casa que [os] hospedava em Óstia sobre o Tibre, longe da multidão» (IX, x, 23). Sim, longe da multidão e «esquecendo-nos do que fica para trás e avançando para o que está adiante»¹⁰, Agostinho lembrara que a doce conversa com Mônica o levava ainda ‘mais para dentro de si mesmo’, «guardando ali as ‘primícias do Espírito, com todo o bater do coração - *ed dum loquimur et inhiamus illi eam modice totó ictu cordis*» (*Conf.*, IX, x 24).

Interessante e nos chama a atenção é que essa veia mística de Agostinho, em direção ao mais íntimo, ao mais fundo do fundo de si mesmo, é também fonte de permanentes inquietudes. Esse aconchego com o divino, com o que há de superior, ao mesmo tempo que apazigua o espírito e deixa para trás o mundo das coisas agudiza

coisas materiais nem imaginadas; será perfeita na vida futura e permitirá ver a substância de Deus...» (Wright, 2019, p. 674).

⁸ Cf o verbete “Mística” (p. 674) na obra *Agostinho através dos tempos*, recentemente traduzida no Brasil.

⁹ *Apud* Wright, 2019, p.674.

¹⁰ Referência ao texto paulino, *Carta aos Filipenses* 3,13.

nossas inquietações, de forma que somos impelidos a ver o que está – ou estaria mais adiante. Em *Confissões*, ainda no mesmo Livro IX, Agostinho escreveu:

Quando, conversando [...] percorremos gradativamente todos os seres corporais e o próprio céu de onde o Sol, a lua e as estrelas iluminam a terra. E subimos daí ainda mais para dentro, pensando, falando e admirando tuas obras, e chegamos às nossas mentes e as transcendemos, para alcançar a região da abundância sem limites, onde nutres Israel em eterno com o alimento da verdade [...] E enquanto falávamos e desejávamos, a atingimos pela duração total de *um batimento do coração* (IX, x, 24 – destaque nosso)¹¹.

Então a duração total de um batimento do coração seria silêncio de pensamento, silêncio interior, uma espécie de êxtase plotiniano? Pode ser. Mas também é sinal que chegou-se ao ‘veio’ de onde tudo brota. Um veio de ouro, aquilo que nas Minas Gerais tínhamos de sobra, antes das atividades predatórias das mineradoras, permitam-me assim dizer nesse contexto. O veio é o coração da mina. Escondido, precisa de muita garimpagem até que a pedra mais preciosa seja encontrada. Nessa perspectiva Agostinho é garimpeiro. Foram sucessivas inquietudes que, cada vez mais profundas, levaram-no à fonte, lá no nosso íntimo, lá onde a palavra cala e a verdade fecunda. Apenas para ilustrar esse movimento interior, de escavação de si mesmo, lembro uma linda passagem das *Confissões*, descrita no Livro III:

Onde estavas então para mim, quão longe? Peregrinava longe de ti e era excluído até das bolotas dos porcos que nutria de bolotas [...] Ai ai! Por esses degraus descí nas profundezas do inferno, por certo, angustiando-me e ardendo pela falta de verdade, porque te procurava, meu Deus – confesso-o a ti, que tiveste piedade de mim até quando ainda não confessava – te procurava não, segundo a inteligência da mente, pela qual quiseste que eu fosse superior às bestas, mas segundo os sentidos da carne. Tu, porém, eras mais interior do que meu íntimo, e mais alto do que meu cume (*Conf.*, III, vi,11).

¹¹ Referência ao texto do profeta Ezequiel 34, 14.

Trata-se aí, parece, de um movimento verticalizante feito de um duplo salto: das coisas exteriores para dentro e de dentro para Deus. Esse movimento demanda esforço, garimpagem de si, pois afinal é um salto sem rede de amparo. Sou eu e Deus. A sós, misticamente.

Lima Vaz, em sua obra *Experiência Mística e filosofia na tradição ocidental*, nos lembra que a experiência mística implica duas teses fundamentais: a) o espírito como nível ontológico mais elevado entre os níveis estruturais do ser humano; b) a dialética interior-exterior e inferior-superior como constitutiva do espírito-no-mundo e que se articula segundo a figura de um quiasmo, ou seja, que o interior é permutável com o superior e o exterior é permutável com o inferior»¹².

Não seria demais afirmar que Agostinho, sob o viés místico desenhou – em muitas de suas obras, essa figura geométrica, dando-lhe tons que escapam àquela razão que apenas classifica – tal pensador é místico, tal outro não é. As inquietudes de Agostinho são essa disposição cruzada, essa permuta permanente entre lá e cá que, tendo inspirado tantos outros místicos, também nos incita ao mistério.

É sob esse ponto de vista que proponho um paralelo entre essa ‘veia mística’ de Agostinho e os escritos de Etty Hillesum, jovem judia holandesa que teve sua vida interrompida, aos 27 anos, em 30 de novembro de 1943 no campo de concentração de Auschwitz.

Abro um parênteses para contextualizar a curta vida de Etty. Conta-nos o editor do seu *Diário* que «Esther, seu nome oficial, nasceu a 15 de janeiro de 1914, em Middelburg, na Holanda. Em 1924, o pai, Dr. Hillessum, ensinava línguas clássicas. A mãe, Rebeca, era russa, de gênio oposto ao do marido, “gênio oposto e

¹² Vaz, H.C. de Lima, *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, Loyola, São Paulo 2000, p. 19.

apaixonado”, ressalta o biógrafo¹³. Etty, os pais e seus irmãos Mischa e Jaap, todos muito inteligentes, mudaram-se para Deventer, uma cidade de tamanho médio no leste da Holanda. Etty era «brilhante, viva, ávida para ler livros e estudar Filosofia»¹⁴. Bem adiantada na escola, em 1932 já tinha seu diploma de advogada pela Universidade de Amsterdão. Quando teve início a Segunda Guerra Mundial, Etty estudava Psicologia e já frequentava o círculo daquele seria seu amante e parceiro intelectual, Julius Spier, um psicoquiromante, a quem ela carinhosamente chamaria de S¹⁵. Depois da capitulação da Holanda, em maio de 1940, os judeus holandeses foram expulsos dos seus empregos, criaram-se os guetos e foram estabelecidos os ‘campos de trabalho’¹⁶.

Com apoio e influência de amigos Etty trabalhou como datilógrafa num dos departamentos do Conselho Judeu. O Conselho era uma espécie de órgão mediador entre os nazistas e os judeus, claro, sob as ordens dos primeiros. Quando Etty retornou à casa depois do seu primeiro dia de trabalho, no dia 15 de julho de 1942, chamou o conselho de ‘inferno’. Nesse mesmo mês «os judeus começaram a ser caçados nas ruas de Amsterdam e Etty decidiu voluntariamente ir com eles para Westerbork»¹⁷, uma espécie de antessala de Auschwitz. Etty lá permaneceu de agosto de 1942 a setembro de 1943, trabalhando no hospital. Tinha uma licença especial para sair do campo e assim, podendo ir a Amsterdã, levava cartas, trazia remédios, fazia também ela suas escavações interiores, registrando-as quase diariamente.

Só para se ter uma ideia, o campo de Westerbork «era uma comunidade que vivia amedrontada, condenada pela ameaça do trem semanal de transporte destinado à Polônia...[...] No dia 7 de setembro

¹³ Gaarlandt, J.G, *Uma vida interrompida: as diários de Etty Hillesum (1941-43)*, Record, São Paulo 1981, pp. 9-10.

¹⁴ Gaarlandt, J.G, *Uma vida interrompida: as diários de Etty Hillesum (1941-43)*, pp. 9-10.

¹⁵ Cf. n° O Diário, registro do dia 9 de março de 1941, p.18

¹⁶ Gaarlandt, J.G, *Uma vida interrompida: as diários de Etty Hillesum (1941-43)*, p. 11.

¹⁷ Gaarlandt, J.G, *Uma vida interrompida: as diários de Etty Hillesum (1941-43)*, p. 12.

de 1943, Etty, seus pais e seus irmãos foram colocados no ‘transporte’. Da janela do trem ela atirou um cartão postal, encontrado por camponeses, no qual ela escreveu: “Abro a Bíblia ao acaso e encontro isso: “O Senhor é meu alto refúgio”. Estou sentada sobre a minha mochila, no meio de um vagão de mercadorias apinhado de gente [...] deixamos o campo cantando[...] Viajaremos durante três dias»¹⁸. Etty morreu em 30 de novembro de 1943, conforme consta no relatório da Cruz Vermelha.

Pois bem, essa moça, em curto espaço de tempo, escreveu seu diário que só viria à tona 38 anos depois: «Foi no dia 1 de outubro de 1981 que o diário de Etty foi apresentado ao público pela primeira vez, em Amsterdão [...] quando alguns dos seus velhos amigos se reuniram no Concertgebouw»¹⁹. Seus manuscritos sobreviveram e neles estão as inquietações de Etty Hillesum e, de certa forma, ressoa neles o tom agostiniano.

Guardadas as proporções, distâncias, propósitos, transcrevo aqui alguns registros d’*O Diário*, cuja similitude com o texto de Agostinho é notável. Certos trechos – se não soubéssemos que são de Etty, poderiam ser atribuídos ao místico Agostinho das *Confissões*. E, pode-se dizer, repetindo Lima Vaz, que o texto dela igualmente traz a figura do quiasmo, no frágil equilíbrio de uma vida dura, muito dura, como ela mesmo escreveu: «a vida é difícil, é verdade, uma luta de minuto a minuto, mas a própria luta é emocionante»²⁰.

Semelhante à escrita autobiográfica de Agostinho, que traduz-se em fala amorosa com Deus e brota de dentro porque buscada no veio mais profundo, a narrativa de Etty também transborda em mística. Por exemplo, no dia 26 de agosto de 1941, uma terça-feira, à noite, ela escreveu:

¹⁸ Davide, M., *Etty Hillesum: humanidade enraizada em Deus*, Paulinas, São Paulo 2019, p. 25.

¹⁹ Davide, M., *Etty Hillesum: humanidade enraizada em Deus*, p. 13.

²⁰ Hillesum, s/d, p. 31.

Há realmente um profundo poço dentro de mim. E nele reside Deus. Às vezes me encontro ali também. Porém mais comumente pedras e areia bloqueiam o poço e Deus está soterrado por elas. E então Ele precisa ser desenterrado de novo. Imagino que há pessoas que rezam com os olhos voltados para o céu; procuram a Deus fora de si. E há aqueles que baixam a cabeça e enterram-na nas próprias mãos ;penso que esses procuram a Deus dentro de si²¹.

Parece ecoar aí a voz de Agostinho quando ele nos convida a dar uma pausa em nossas atividades rotineiras e horizontalizantes, para um mergulho, pequenino que seja, em nós mesmos, em nosso território interior. Numa manhã de um sábado, no dia 11 de julho de 1942, Etty começa assim um longo registro: «Devemos falar apenas das coisas definitivas e mais sérias da vida quando as palavras sobem-nos à boca tão simples e naturalmente como a água surge de uma fonte»²². Mais adiante, nessa mesma página d' *O Diário*, Etty declara:

Não me sinto nas garras de ninguém; sinto-me segura nos braços de Deus – para colocar a coisa retoricamente – não importa se estou sentada agora nessa querida e velha mesa, ou num quarto vazio no bairro judeu, ou talvez num campo de trabalhos forçados sob guarda das SS daqui a um mês – sempre me sentirei segura nos braços de Deus. Eles poderão conseguir quebrar-me fisicamente, mas não mais do que isso [...]isso não é nada quando comparado com o imenso tamanho da minha fé em Deus e em minha capacidade receptiva interna²³.

Lembra-nos ainda um dos propósitos da ‘confissão’ de Agostinho, narrada com ‘palavras da alma e clamor do pensamento’²⁴. No Livro X, por exemplo, Agostinho reitera o apelo para ‘que eu te conheça, meu conhecedor, que eu te conheça como sou conhecido (cf. *Confissões*, X, i, 1). E, “mesmo que eu não quisesse confessar a ti, ‘esconder-te-ia de mim, mas não me

²¹ Hillesum, E., *O Diário* in Gaarlandt, J.G., *Uma vida interrompida: os diários de Etty Hillesum (1941-43)*, Record, São Paulo, s/d. p. 55.

²² Hillesum, E., *O Diário* in Gaarlandt, J.G., *Uma vida interrompida: os diários de Etty Hillesum (1941-43)*, p. 174.

²³ Hillesum, E., *O Diário* in Gaarlandt, J.G., *Uma vida interrompida: os diários de Etty Hillesum (1941-43)*, p. 177.

²⁴ Cf. *Confissões*, X, iii,3.

esconderia de ti” (*Confissões*, X, ii, 2). E não é que Etty tem também um propósito confessional quando escreve: «Começo a sentir-me um pouco mais tranquila, meu Deus, depois dessa conversa contigo. Daqui por diante, discorrei contigo muitas vezes e, desse modo, impedir-te-ei de me abandonares. Comigo passarás também por períodos de escassez, meu Deus, tempos escassamente alimentados pela minha pobre confiança; acredita, porém, que eu continuarei a trabalhar para ti e ser-te fiel, e não te expulsarei do meu território»²⁵.

Dessa forma, semelhante ao itinerário existencial de Agostinho, marcado por recuos, receios, dispersões - ele mesmo, sabedor dessas incompletudes, também Etty parece insistir nessa volta para si mesmo, apesar de tudo. Em 8 de junho de 1941, um domingo de manhã, ela escreve:

[...] vou me ‘virar para dentro’ por meia hora cada manhã antes do trabalho e escutar minha voz interior. Soltar-me. Podia-se também chamar meditação. Eu ainda tenho um pouco de receio desta palavra. Mas de qualquer forma, por que não? Uma meia hora sossegada dentro de você mesma²⁶.

Fato é que a jovem ávida por leituras e por filosofia tinha familiaridade com Agostinho, pois fora instruída por Spier, seu amado. Certamente nos escritos agostinianos encontrou força e determinação para, em meio aos horrores da guerra, perseguições, campos de concentração, dar sentido a uma vida que seria brevemente interrompida. No dia 9 de outubro de 1942, a última data de registro é 12 de outubro de 1942, ela escreveu: «Vou ler santo Agostinho de novo. Ele é austero e fervoroso; e cheio de simples devoção em suas cartas a Deus. Na verdade essas são as únicas cartas que se deveria escrever: cartas de amor a Deus»²⁷.

²⁵ Davide, M., *Etty Hillesum: humanidade enraizada em Deus*, p. 33.

²⁶ Hillesum, E., *O Diário* in Gaarlandt, J.G., *Uma vida interrompida: os diários de Etty Hillesum (1941-43)*, p. 39.

²⁷ Hillesum, E., *O Diário* in Gaarlandt, J.G., *Uma vida interrompida: os diários de Etty Hillesum (1941-43)*, p. 224.

Meses antes, em 10 de junho daquele mesmo ano, Etty descrevera com certa dose de ironia aquela rotina de amarguras, dores, sofrimentos, desamparo. Ela escreveu logo de manhã, às 7h30: «é muito constrangedor. Santo Agostinho num estômago vazio»²⁸.

Além dos diários, Etty escreveu cartas, durante sua estadia no ‘acampamento’ de Westerbork. Para Maria, uma amiga querida, em 11 de agosto de 1943, lemos que naquele ‘acampamento cercado por arame farpado, dormindo em uma cama de ferro’ ela não desistia: «[...]mas não há lugar algum onde eu possa sentar-me em paz; às vezes perambulo horas a fio procurando um cantinho sossegado [...] Visitei dez lugares diferentes para escrever esta única folha de papel»²⁹. Nesse campo de horrores Etty, paradoxalmente, procura se fortalecer por dentro:

Há espaço para tudo em uma única vida. Para a crença em Deus e para um fim miserável. Quando digo: tenho que chegar a um acordo com a vida, não quero dizer que perdi a esperança. O que sinto não é desesperança. Longe disso [...] Às vezes sinto-me cansada, como um cão, depois de enfrentar as filas, mas sei que isso também é parte da vida e que em algum lugar há algo dentro de mim que nunca me abandonará de novo³⁰.

Desse modo, a escrita cotidiana de Etty Hillesum parece ser agostinianamente mística, pois está eivada de inquietudes, de movimentos e enfrentamentos de si, em incontáveis tentativas de voltar-se para dentro de si e de recolher-se em sua cidadela interior. A título de conclusão, transcrevo mais um trecho, exemplo dessa vertente mística:

Hoje, quero retirar-me para repousar no meu silêncio: no espaço do meu silêncio interior ao qual peço hospitalidade por um dia inteiro.[...] Passarei

²⁸ Hillesum, E., *O Diário* in Gaarlandt, J.G., *Uma vida interrompida: os diários de Etty Hillesum (1941-43)*, p. 143.

²⁹ Hillesum, E., *O Diário* in Gaarlandt, J.G., *Uma vida interrompida: os diários de Etty Hillesum (1941-43)*, p. 237.

³⁰ Hillesum, E., *O Diário* in Gaarlandt, J.G., *Uma vida interrompida: os diários de Etty Hillesum (1941-43)*, pp. 155-6.

o dia inteiro num pequeno recanto daquela grande sala silenciosa que tenho dentro de mim.[...] Assim, cansada, posso ficar sentada no pequeno recanto do meu silêncio, acorada como um Buda e esboçando um sorriso como o dele – interiormente, entenda-se.³¹

Sim, entendemos, cara Ety. Como também não tenho dúvida que o velho bispo de Hipona não só entenderia como concordaria, pois, os quase 40 anos de pregação tinham sido para ele um «grande fardo, um ônus pesado, um árduo esforço» Para o místico Agostinho «nada [me] pode ser melhor nem mais doce do que fitar o tesouro Divino, sem ruído nem atropelo»³². Recantos místicos que tanto necessitamos.

Valeria a mesma pergunta para nós? O que seria bom e doce num mundo tão cheio de atropelos e ruídos? As *Confissões* de Agostinho? Os *Diários* de Ety? A via mística? Seja qual for o caminho, talvez não o saibamos de antemão, que seja aquele que tem a inquietação como fonte e o mistério como fim.

³¹ Davide, M., *Ety Hillesum: humanidade enraizada em Deus*, p. 80.

³² Brown, P., *Santo Agostinho. Uma biografia*, Record, São Paulo 2005, p. 316.

Referências bibliográficas

Agostinho, Santo, *Confissões*, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa 2000.

_____, *Confissões*, trad. de Lorenzo Mammi, Companhia das Letras, São Paulo 2017.

Betto, F.; Boff, L., *Mística & espiritualidade*, Vozes, Petrópolis 2010.

Brown, P., *Santo Agostinho. Uma biografia*, Record, São Paulo 2005.

Davide, M., *Etty Hillesum: humanidade enraizada em Deus*, Paulinas, São Paulo 2019.

González Faus, J. I., *Etty Hillesum: una vida que interpela*, Editora Sal Terrae, Maliano 2008.

Fitzgerald, A. (org). *Agostinho através do tempo: uma enciclopédia*, Paulus, São Paulo 2019.

Gaarlandt, J.G., *Uma vida interrompida: as diários de Etty Hillesum (1941-43)*, Record, São Paulo, s/d.

Hillesum, E., «O Diário» in Gaarlandt, J.G., *Uma vida interrompida: os diários de Etty Hillesum (1941-43)*, Record, São Paulo, s/d. p.15-227

Hillesum, E., «Cartas» in Gaarlandt, J.G., *Uma vida interrompida: os diários de Etty Hillesum (1941-43)*, Record, São Paulo, s/d. p. 229-227-253.

Vaz, H.C. de Lima, *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*, Loyola, São Paulo 2000.

Wright, R. E., «Mística», in Fitzgerald, A. (org). *Agostinho através dos tempos. Uma enciclopédia.*: Martins Fontes, São Paulo 2019.